SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FRANCISCO ALDENE RODRIGUES DOS SANTOS

ANÁLISE ENVOLVENDO SURDEZ E LIBRAS EM UM PERIÓDICO ESPECIALIZADO E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marabá- PA
2022

FRANCISCO ALDENE RODRIGUES DOS SANTOS

ANÁLISE ENVOLVENDO SURDEZ E LIBRAS EM UM PERIÓDICO ESPECIALIZADO E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para obtenção do título de pedagogo com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientador: Prof. Dr. Walber Christiano Lima da Costa.

Marabá - PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

S237a Santos, Francisco Aldene Rodrigues dos
Análise envolvendo surdez e Libras em um periódico especializado e as contribuições para a formação de professores / Francisco Aldene Rodrigues dos Santos. — 2022.
50 f.

Orientador (a): Walber Christiano Lima da Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2022.

1. Surdos – Estudo e ensino. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Educação inclusiva. 4. Professores – Formação. I. Costa, Walber Christiano Lima da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.912

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

FACED UNIFESSPA | Faculdade de Ciências da Educação

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará CNPJ 18.057.063/0001-80

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos oito dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e dois, às vinte horas, no auditório da Unidade I, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, realizou-se a defesa de TCC do discente **FRANCISCO ALDENE RODRIGUES DOS SANTOS**, vinculado ao curso de PEDAGOGIA, sob o nº de matrícula **201840207043**, intitulado **"ANÁLISE ENVOLVENDO SURDEZ E LIBRAS EM UM PERIÓDICO ESPECIALIZADO E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES"** para obtenção de conceito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. Depois de declarada aberta a sessão, o (a) senhor (a) presidente deu a palavra ao (à) aluno (a) e em seguida aos examinadores para as devidas arguições, que se desenvolveram nos termos regimentais. Em seguida, a comissão examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, decidindo atribuir ao trabalho o conceito EXCELENTE. À vista deste resultado, foi considerado (a) APROVADO na disciplina de TCC. **Observações da Banca Examinadora:**

A banca solicita que sejam atendidas as recomendações.

Para constar, foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos (as) senhores (as) membros da comissão examinadora.

Marabá - PA, 08 de junho de 2022.

Walber Costa.

Prof. Dr. Walber Christiano Lima da Costa (Orientador);

Davison Hugo Rocha Alves

Prof. Dr. Davison Hugo Rocha Alves (Membro interno);

Silvana de Sousa Lourinho

Profa. Ma. Silvana de Sousa Lourinho (Membro interno).

Francisca Mª Cerqueira da Silva

Profa. Ma. Francisca Maria Cerqueira da Silva (Membro externo).

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram na conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer ao Eterno, por ter me dado condições suficientes para superar os desafios, pelas conquistas dessas etapas que com muito esforço estão sendo vencidas;

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Walber Christiano Lima da Costa pela confiança, incansáveis momentos de escuta e constante aprendizado que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Sem a sua devida ajuda seria inviável o desfecho deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Pois suas críticas construtivas, paciência, direcionamentos, sugestões, e apoio para o meu crescer academicamente e principalmente por acreditar em mim. O grande responsável pela minha formação e trajetória acadêmica;

Aos meus pais e irmãos que contribuíram para minhas conquistas e anseios;

Aos meus colegas de sala que se tornaram grandes amigos, que tanto me auxiliaram em muitas tarefas de trabalhos acadêmicos;

À Raquel Aquino, colega de turma do curso de Pedagogia, pelas suas opiniões e críticas positivas, pelos incentivos e pelas ajudas;

Aos professores que tive durante a graduação, pelos fortes ensinamentos e assim ter me proporcionado grandes aprendizados em suas aulas, paciência nos preparos das incansáveis horas;

À Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- Unifesspa e também à Faculdade de Ciências da Educação – FACED, pelo apoio oferecido a mim como estudante.

Aos professores da banca examinadora por ter aceito o convite: Prof. Dr. Davison Hugo Rocha Alves, a Profa. Ma. Silvana de Sousa Lourinho e a Profa. Ma. Francisca Maria Cerqueira da Silva.

A todos que com boa intenção contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Uma língua é um lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites de nosso pensar e sentir.

Vergílio Ferreira

RESUMO

O presente estudo intitulado *Análise envolvendo surdez e Libras em um periódico especializado e as contribuições para a formação de professores*, surgiu a partir de algumas inquietações durante o curso de Licenciatura em Pedagogia. Nosso objetivo geral é apresentar reflexões a partir de uma pesquisa investigativa dos temas trazidos pelos pesquisadores em artigos publicados na revista GPES. A Revista é pioneira no estado do Pará na temática envolvendo surdez. Nossos objetivos específicos são: Discutir os processos de construção de uma sociedade Inclusiva por meio de debates/discussão de conhecimentos relevantes que referendem a Língua de Sinais nesse processo e as contribuições para a formação de professores; e apresentar possíveis desdobramentos científicos a partir dos textos publicados na revista GPES. A metodologia do trabalho foi realizada a partir do levantamento no portal do periódico visando quais temas são evidenciados na publicação. Como resultados vemos que são diversos os temas abordados na revista envolvendo surdez, como diálogos envolvendo recursos didáticos, tradução e interpretação da Libras e o uso das tecnologias. Tais resultados revelam a importância do periódico na formação de professores envolvendo as temáticas inclusivas ligadas à surdez.

PALAVRAS-CHAVE: Surdez; Revista GPES; Formação de professores.

ABSTRACT

The present study entitled Analysis involving deafness and pounds in a specialized journal and the contributions to teacher training, emerged from some concerns during the Licentiate in Pedagogy course. Our general objective is to present reflections from an investigative research of the themes brought by researchers in articles published in the journal GPES. The Magazine is a pioneer in the state of Pará in the theme involving deafness. Our specific objectives are: To discuss the processes of building an inclusive society through debates/discussion of relevant knowledge that endorse Sign Language in this process and the contributions to teacher training; and to present possible scientific developments from the texts published in the journal GPES. The methodology of the work was based on the survey on the journal's portal, aiming at which themes are highlighted in the publication. As a result, we see that the topics covered in the magazine involving deafness are diverse, such as dialogues involving didactic resources, translation and interpretation of Libras and the use of technologies. Such results reveal the importance of the journal in the training of teachers involving inclusive themes related to deafness.

KEYWORDS: Deafness; GPES Magazine; Teacher training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **09**

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO **11**

1.1 Educação de surdos e a formação de professores 11

1.2 Educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva 15

CAPÍTULO II - PERCURSOS METODOLÓGICOS **19**

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES **22**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **36**

REFERÊNCIAS **38**

INTRODUÇÃO

Saber uma nova língua é uma necessidade urgente, haja vista, novos horizontes se abrem frente aos que conhecem outro idioma. Nesse sentido, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, precisa ser conhecida principalmente por profissionais que lidam direta ou indiretamente com pessoas, pois nesse meio, há grandes possibilidades de encontrar indivíduos surdos. Dessa forma, precisamos nos adequar melhor, para que possamos entender o que o outro diz em sua língua.

Nota-se, que de acordo com o dicionário informal a palavra inclusão vai além de uma inserção, a primeira é fazer parte de, é unir-se a. Enquanto a segunda é o ato de inserir, introduzir algo. Assim, de acordo com Araújo (2016, p. 2): “incluir pressupõem posturas mais abrangentes”. Dessa maneira, o aprendizado do estudante surdo vai depender da forma como ele é colocado em determinado ambiente e da postura de quem o recebe, para que sua permanência em sala de aula seja eficiente e resulte em uma boa aprendizagem.

Assim, os professores precisam conhecer com propriedade essa língua, para que possam desenvolver a docência nas escolas da atualidade com prestígio. Observa-se que, um grande trabalho já está sendo desenvolvido nessa vertente, o que deveras precisa é maior qualificação dos profissionais. Nesse sentido, procurou-se analisar os trabalhos, que estão disponíveis no site da Revista GPES, desenvolvidos por professores os quais fizeram pesquisas para avaliar os conhecimentos no campo da surdez.

Muito ainda se questiona se a escola inclusiva está conseguindo formar surdos e se eles estão em sala de aula; agora na posição de docente se estão com as devidas competências para ensinar outros. Fato que merece destaque, visto que, falar em escola inclusiva é falar em oportunidades e reconhecimento àqueles que no decorrer do tempo, muitas vezes foram menosprezados e injustiçados pela postura social e jurídica do país. Assim, mesmo o Brasil sendo signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Estado brasileiro não garante o devido reconhecimento a esse público.

O empenho que os profissionais da educação dão à essa vertente que é a educação inclusiva é de grande valia. Embora, muito já tenha sido realizado nesse aspecto da surdez, ainda tem bastante a ser concretizado, principalmente no tocante

ao reconhecimento de pessoas surdas na sociedade atual. A inserção nos mercados de trabalho e a completa inclusão estão entre os grandes desafios.

Este trabalho de conclusão de curso teve seu início ainda no quarto período do curso de pedagogia, quando na oportunidade, estudei a disciplina Libras. Lá comecei a me encantar por esse mundo e quando fiz as primeiras leituras envolvendo o tema em questão. Nessas pesquisas encontrei o site da Revista GPES - Estudos Surdos e me interessei ainda mais pela temática ao me deparar que em nosso Estado havia uma revista Pioneira envolvendo Surdez.

Assim, nosso objetivo geral é apresentar reflexões a partir de uma pesquisa investigativa dos temas trazidos pelos pesquisadores em artigos publicados na revista GPES. Conforme expresso no site, a Revista GPES - Estudos Surdos é uma publicação do Grupo de Pesquisas em Educação de Surdos-GPES, isto é, tem o intuito de publicar pesquisas do grupo e consta com registro no Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq e conta com pesquisadores da educação básica e superior. Trazendo para o debate os principais assuntos ligados à área da surdez tanto para quem ensina, para o aprendiz, quanto para o intérprete. De forma a colocar em evidência os pressupostos teóricos que norteiam legalmente para que se estabeleça uma educação bilíngue de surdos.

Como objetivos específicos definiu-se: discutir os processos de construção de uma sociedade Inclusiva por meio de debates/discussão de conhecimentos relevantes que referendem a Língua de Sinais nesse processo; e apresentar possíveis desdobramentos científicos a partir dos textos publicados na revista GPES.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma: Introdução, onde apresentamos os objetivos do trabalho; sessão teórica, onde temos as reflexões teóricas que nortearam a pesquisa; a metodologia da pesquisa, onde delineamos os passos científicos da pesquisa; A análise dos dados e as discussões, onde apresentamos a principais reflexões e trazemos nossas visões a partir dos objetivos da pesquisa. Por fim, elencamos as considerações finais e as referências do trabalho.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta sessão apresentamos o referencial teórico do trabalho. Inicialmente trazendo reflexões sobre a educação de surdos e a formação de professores, onde destacamos diversos avanços ao longo dos anos que culminaram com a promulgação da Lei Nº. 10436, de 2002, que estabelece a Libras como a forma de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil. Em seguida, fazemos uma discussão breve sobre a Educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva.

1.1 Educação de surdos e a formação de professores

Mazzota (2005) apresenta que a educação de pessoas com deficiência é um campo de constantes lutas, reivindicações e contestações em momentos históricos que objetivam a conquista e garantia de espaço dessas pessoas. E isso é fato, pois a partir desses contínuos movimentos na sociedade, surgiram novos espaços em várias áreas da vida social para a construção de conhecimento e de alternativas de atuação com vistas à melhoria das condições de vida de tais pessoas (MAZZOTTA, 2005). Assim, Machado (2006), destaca que:

> A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei nº9394/96) prescreve que as crianças "portadoras de necessidades educativas especiais"[1]devem ter sua escolaridade atendida, fundamentalmente, pela escola regular, de modo a promover sua integração/inclusão. Entretanto, diante do contexto escolar em que vivemos esse processo de integração/inclusão, por mais bem elaborado que seja, tem apresentado dificuldades em sua implantação pela instituição escolar. Ou seja, mesmo diante da obrigatoriedade gerada pela política educacional atual, muitos educandos surdos encontram-se à margem da escola. Alguns estão "incluídos" em classes regulares e poucos conseguem permanecer no sistema (MACHADO, 2006, p. 39).

Conforme evidência o autor, a educação de alunos surdos ainda é uma temática bastante desafiadora tanto para os professores quanto para os sistemas educacionais de ensino. Esses sistemas buscam medidas atenuantes da exclusão e que por sua vez desenvolvem estratégias de inclusão, contudo ainda há nos espaços das escolas e salas de aula, pontos que valorizam as aulas orais em detrimento do

[1] Ressaltamos que o texto de Machado (2006) está sendo apresentado pela sua qualidade teórica, porém o termo "portadores de necessidades educacionais especiais" não é considerado pelas legislações atuais o termo adequado, e sim pessoa com deficiência.

uso de outras formas. Muitas mudanças já ocorreram e ainda se buscam melhores dias para uma boa educação aos surdos das diferentes sociedades do mundo.

Por bastante tempo os surdos viviam marginalizados pelas sociedades do mundo a fora, relatos condizem que na “idade média eram tidas como inferiores e castigados pelos deuses e até mesmo abandonados e sacrificados (BOLLER, PERBONI E MACEDO, 2022, P. 2). Corroborando essas informações Meserlian e Vitaliano (2009, p.3737) mencionam que tais sujeitos nos “diversos períodos da história foram colocados à margem do mundo econômico, social, cultural, educacional e político, sendo considerados como deficientes, incapazes e desapropriados de seus direitos e da possibilidade de escolhas”.

A despeito de diversos impactos que assinalaram a história da educação dos surdos, esta pode ser analisada e compreendida de maneira simples. Todavia, nos deparamos com períodos de fortes mudanças, crises, inquietações e que por outro lado há manifestação de oportunidades nesse cenário (PERLIN e STROBEL, 2008). São novas formas de enxergar o surdo, de colocá-lo de maneira inclusa na sociedade atual, tendo um olhar de que ele é um ser com as possibilidades de aprender, de se desenvolver, de lutar, também, por seus direitos.

Além desse ponto, outro que é mencionado por (MOORES, 1978 *apud* LACERDA, 2001), no que se refere a trajetória do surdo e de sua educação, diz que

> Durante a Antiguidade e por quase toda a Idade Média pensava-se que os surdos não fossem educáveis, ou que fossem imbecis. Os poucos textos encontrados referem-se prioritariamente a relatos de curas milagrosas ou inexplicáveis (MOORES 1978 apud Lacerda, 2001, p. 68).

Mais uma vez nota-se que os surdos são pessoas capazes de aprender, de educar a si e a outrem. Nas palavras de (Berthier,1984, p.168 apud Nascimento 2008, p.259) “Durante muito tempo foi universalmente aceita a opinião de que a ausência da fala tornava impossível a aquisição de ideias abstratas e menos possível ainda o conhecimento de verdades da mais alta ordem”.

Segundo Gesser (2012) A Libras tem suas raízes a partir de forte influência da Língua de Sinais Francesa. Porém a autora ainda destaca que cada país tem uma Língua de Sinais própria. A autora Strobel, (2008) apresenta que

> A presença do povo surdo é tão antiga quanto a humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos

> históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos (STROBEL, 2008, p. 42).

É posto em cena através dos diversos momentos históricos em que os surdos foram ora desrespeitados, ora valorizados e legitimados pela sociedade.

> Ao longo da história, a educação dos surdos teve como foco principal a maneira como deveria se desenvolver a linguagem. Alguns apregoavam que esta deveria ser a mesma utilizada pelos ouvintes, enquanto outras correntes achavam mais promissoras as ideias de se criar uma língua baseada na utilização de sinais, que pudessem ser apreendidas tanto pelos surdos quanto pelos ouvintes. Os primeiros registros destas discussões datam do século XVI (PAGOTE, 2014, p.14).

Foram muitas lutas e embates diante de diversos pensadores e educadores que uns imaginavam ou ponderavam que seria melhor utilizar a oralidade para a educação dos surdos, enquanto que outros acreditavam que o uso de línguas de sinais seria a melhor estratégia.

Outro ponto que chama a atenção é com referência ao currículo escolar que precisa valorizar a língua de sinais, como instrumento de comunicação e que faz com que o indivíduo possa entender e ser entendido pelo outro. Assim, Strobel (2008) menciona que

> Até o currículo também está em processo de transformação, por exemplo, na educação de surdos, nos currículos tradicionais não havia espaço para respeitar a cultura de alunos surdos e recentemente, os currículos estão introduzindo a língua de sinais, a história de surdos, a literatura surda e outros (STROBEL, 2008, P. 74).

Esse é um ponto que merece destaque pelas mudanças para melhores oportunidades, nota-se relações empáticas e espaços mais acessíveis para esse público. Contudo, ainda é perceptível que a inserção do ensino em uma conjuntura que enfatize a Libras vem ocorrendo de forma meio distante das práticas docente. O público surdo até então enfrenta muitas adversidades.

Além do mais, percebe-se que a falta de uma boa comunicação nas Universidades entre os alunos e professores ouvintes com os alunos surdos está diretamente relacionada à questão da Língua, haja vista, que os sistemas linguísticos dos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem são diferentes, pois enquanto os ouvintes fazem uso dos estímulos auditivos os surdos têm nos sistemas cinestésicos-visuais a forma de expressarem-se linguisticamente. Assim, os

indivíduos envolvidos sentem-se muitas vezes sem saber o que dizer um para o outro, já que no caso ocorre a barreira da comunicação.

Levando-se em consideração que há tal empecilho no entendimento mútuo entre os interlocutores no âmbito da sala de aula, sem se aperceberem muitos acabam excluindo os alunos surdos das atividades em grupo, além disso, os docentes deixam para o profissional tradutor-intérprete de Libras às responsabilidades de repassar os conteúdos das suas respectivas disciplinas, o que acaba invertendo os papéis, afinal aqueles são apenas mediadores nas relações educacionais que ocorrem na sala de aula. Lacerda (2005, p. 7) menciona que “a responsabilidade pela educação do aluno surdo não pode recair sobre o intérprete, já que seu papel principal é interpretar”. Pois, consoante o que aponta Ribeiro (2020) o aprendizado do aluno surdo não pode ser responsabilidade exclusiva do interlocutor, ou seja, do tradutor-interprete, mas também do professor regente, porque é necessário inserir a presença do surdo em seus planejamentos de aula, e também com a cooperação do interlocutor.

Tendo em vista tanto a responsabilidade do tradutor/interprete quanto do professor regente para auxiliar os estudantes surdos, tanto no aprendizado da Libras e como também nas diversas disciplinas. Não se pode esquecer do papel da instituição de garantir a presença do profissional tradutor no espaço escolar, sendo que é de extrema importância a sua permanência nesse ambiente.

Além disso, Carvalho (1997) por sua vez apresenta que o princípio adotado para regulamentação e implementação da Educação Especial deve ser algo primordial para um bom trabalho educacional no País, pois “Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras”. (CARVALHO, 1997, p. 56). A autora apresenta assim a ideia de que independente da realidade do aluno, este deve ter assegurado o espaço para aprendizagem escolar.

Corrobora Goffredo (1999) apresentando que:

> A escola, para que possa ser considerado um espaço inclusivo, precisa abandonar a condição de instituição burocrática, apenas cumpridora das normas estabelecidas pelos níveis centrais. Para tal, deve transformar-se num espaço de decisão, ajustando-se ao seu contexto real e respondendo aos desafios que se apresentam. O espaço escolar, hoje, tem de ser visto como espaço de todos e para todos (GOFFREDO, 1999, p. 45).

Com isso, entendemos que ter o espaço físico em uma escola é apenas um dos aspectos a serem considerados no cenário inclusivo, porém, entendemos que o principal ponto a ser discutido é quem são os profissionais na sala de aula que estão lidando com esses alunos.

Assim, vemos a pertinência do diálogo com a formação de professores. Bizzo (2002, p.65) relata que “no entanto, não seria descabido afirmar que a formação de professores no Brasil dificilmente figura entre as prioridades do sistema universitário, especialmente quando nos referimos ao sistema público”. Compreendemos tal assertiva, haja vista que seja na formação geral quanto na específica para atendimento especializado, vemos ainda um caminhar a passos lentos, pois muitas vezes os profissionais chegam às escolas sem o preparo adequado às diversas realidades a que são submetidos.

As licenciaturas por diversos momentos apontam em sua composição curricular a necessidade dos profissionais estarem aptos para a realidade inclusiva. No caso do surdo e do curso de Pedagogia, vemos que a disciplina Libras tem grande importância na formação desses profissionais para atuar na educação de surdos (OLIVEIRA, 2021). Aliado a isso, vê-se a crescente pela formação de professores em Libras. A importância também dessa formação tem sido presente na sociedade e diversas instituições já tem o curso de Licenciatura em Letras-Libras (formação de docentes em Libras) e o curso de Bacharelado em Letras-Libras (Pesquisadores e Profissionais Tradutores Intérpretes de Libras).

Mittler (2003) aponta que muitos professores das escolas regulares entendem serem não preparados para lidar com o diálogo das deficiências em sala de aula, subjugando-se que apenas os professores do atendimento educacional especializado é que conseguem trabalhar com esses alunos. E se observarmos essa questão nas áreas científicas, vemos que dependendo da cadeira de disciplina que o docente atua, esse pensamento de incapacidade pode se tornar ainda mais agudo. Daí compreendemos a necessidade da formação seja inicial e ou continuada de profissionais que irão atuar com surdos.

1.2 Educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva

A educação inclusiva é um dos temas mais discutidos no cenário escolar e nas rodas científicas. Segundo Karagiannis, Stainback e Stainback, “A educação é

uma questão de direitos humanos, e os indivíduos com deficiências devem fazer parte das escolas, as quais devem modificar seu funcionamento para incluir todos os alunos" (1999, p.21). Assim, observa-se um cuidado que deve ocorrer nas escolas no atendimento em todos os setores, haja vista que a pessoa com deficiência precisa de ferramentas, apoio especializado no momento dos processos de ensino e aprendizagem. Corrobora Skliar (2006):

> A educação das crianças especiais é um problema educativo como é também o da educação de classes populares, a educação rural, a das crianças de rua, a dos presos, dos indígenas, dos analfabetos, etc. É certo que em todos os grupos que menciono existe uma especificidade que os diferencia, mas também há um fator que os faz semelhantes: trata-se daqueles grupos que, com certa displicência, são classificados como minorias; minorias que, na verdade, sofrem exclusões parecidas desde o processo educativo (SKLIAR, 2006, p.9).

As dificuldades de comunicação do surdo com o ouvinte acontecem em decorrência de apresentar um bloqueio sensorial, e, por esse motivo não adquire com facilidade a Língua Portuguesa, o que inviabiliza sua interação com as pessoas, e, ainda cria um bloqueio de comunicação, em que as pessoas ouvintes não conseguem interagir com ele.

De acordo com Sá (2006)

> Não há como negar que o uso da Língua de Sinais é um dos principais elementos aglutinantes das comunidades surdas, sendo assim, um dos elementos importantíssimos nos processos de desenvolvimento da identidade surda/de surdo e nos de identificação dos surdos entre si (SÁ, 2006, p.130-131).

O aprendizado da Libras deve ser ofertado nas Instituições do País (BRASIL, 2005) a todos da sociedade, uma vez que se tem por parâmetro a portaria 3.284 do Ministério da Educação, editada no ano de 2005, reforça a acessibilidade como condição para o direito da cidadania (Lei 10436/2002, Decreto 5626/2005 e Lei 13146/ 2015).

Partindo do princípio da dignidade da pessoa humana o qual é mencionado pela constituição brasileira e justificado pelo documento: Plano de Ação - Conferência Mundial sobre educação para todos, tal documento assegura o direito à educação a todas as pessoas. Tendo em vista fortes fatores que são causais para a estagnação ou mesmo a exclusão do ser humano nos processos educativos, como as diferenças

econômicas, guerras, faltas de oportunidades, violências, dentre outros como o bullying.

É desejável a verdadeira inclusão do surdo em todos os espaços da sociedade como forma equitativa do ser humano. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva publicada em 2008, possibilitou um maior incremento de muitas populações no âmbito educativo. A qual menciona que

> A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de eqüidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2008, P. 5).

A Política Nacional de Educação Especial informa que,

> [...] todas as crianças, independentemente do impedimento de longa duração de natureza física, intelectual ou sensorial são matriculadas nas escolas comuns e participam das classes comuns por todo o período escolar, recebendo atendimento complementar e suplementar em salas de recursos no contraturno escolar (BRASIL, 2020, P.18).

Felipe (2007) aponta para as possíveis diferenças naturais que podem ocorrer entre os sujeitos surdos e os ouvintes em uma sociedade que se diz inclusiva. A autora destaca que:

> Ser surdo é saber que pode falar com as mãos e aprender uma língua oral-auditiva através dessa. É conviver com pessoas que, em um universo de barulhos, deparam-se com pessoas que estão percebendo o mundo, principalmente pela visão, e isso faz com que eles sejam diferentes e não necessariamente deficientes (FELIPE, 2007, p.110).

Na sociedade brasileira, sabemos que a educação assume papel cada vez mais imprescindível no processo de desenvolvimento econômico e social. Neste nosso mundo globalizado e em constantes transformações, o próprio conceito de educação vem sendo revisto e ampliado a cada dia, assumindo uma perspectiva processual que não se encerra no final da escolarização, ou de apenas após a graduação, mas se prolonga ao longo da vida do indivíduo para permitir que ele possa responder aos desafios que se inserem a cada dia num contexto da sociedade que perpassa por constantes mudanças (DELLORS, 1999).

Um dos princípios que deve ser analisado na educação de surdos no Brasil, a partir da legislação vigente é o de uma educação bilíngue, valorizando a Libras como

Primeira Língua de escolarização e práticas sociais do surdo, e a Língua Portuguesa, como a Segunda Língua. Acerca disso, Vieira e Molina (2018), apresentam que “O bilinguismo é muito mais do que a exposição a duas línguas: é parte de um projeto maior de empoderamento do surdo e propicia que o papel da escola seja cumprido na construção de conhecimento e na constituição autônoma de estudantes” (2018, p.19).

CAPÍTULO II - PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa descrita neste trabalho analisou artigos publicados na Revista[2] GPES – Estudos Surdos. Sendo que é uma publicação do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos. A pesquisa do tipo qualitativa com procedimento de exploração bibliográfica (SEVERINO, 2007), no intuito de verificar quais aspectos com relação à surdez mais aparecem nos artigos. Levantamento tomado por estudos isolados de cada artigo e comparados por descrição analítica de seus tópicos de relevância ao tema abordado. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), "a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais". Feita a análise dos artigos com discussão separadas de cada um deles, de sorte que não se utilizou a sequência conforme está descrita no site da revista. Ademais, foi utilizado para embasar o trabalho o livro de Souza (2007) e dentre outros artigos de autores dá área da surdez.

O portal da Revista GPES destaca que

> A Revista GPES - Estudos Surdos é uma publicação do Grupo de Pesquisas em Educação de Surdos-GPES, grupo registrado na plataforma do Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq que realiza o projeto de pesquisa: Educação de Surdos: políticas de inclusão, educação bilíngue, práticas pedagógicas, contextos de ensino e formação de professores, aprovado pelo Instituto de Linguística, Letras e Artes-ILLA, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa. Participam do GPES pesquisadores de diferentes segmentos da educação, tais como docentes e discentes da Unifesspa e de outras IES e docentes da educação básica, realizando pesquisas em diversos municípios do Pará, sobretudo na região Sul e Sudeste, para fazer um panorama de como está acontecendo a educação de surdos nesta região (paraense, amazônica). A Revista GPES - Estudos Surdos objetiva publicar os resultados das pesquisas do grupo, a partir dos anais de eventos, mas também abrir espaço para que outros pesquisadores possam apresentar resultados de pesquisas realizadas nas diversas regiões do estado do Pará e nos demais estados do país, contribuindo para a reflexão, produção e socialização de conhecimentos sobre a inclusão educacional das pessoas com surdez. Além de publicar as atividades do grupo na realização de ações de extensão como oficinas, minicursos ou cursos de Língua Brasileira de Sinais-Libras e demais ações dentro da temática da Educação de Surdos (PORTAL DA REVISTA GPES-ESTUDOS SURDOS, 2022).

A revista teve a publicação de um número, que apresentou os textos selecionados a partir dos anais do I ENCONTRO DO GPES: PANORAMA DA

[2] https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes

EDUCAÇÃO DE SURDOS NO SUL E SUDESTE DO PARÁ, realizado em junho do ano de 2018.

A revista está ativa, porém ainda não lançou a segunda edição. Em diálogos com os editores do periódico, constatou-se que diversas problemáticas ocorreram para que a segunda edição ainda não tenha sido publicada, entre estas, temos o cenário pandêmico de 2020 que ainda traz desdobramentos para a questão do fluxo da revista. Ressaltamos que a Revista é pioneira da Região Norte e uma das poucas do Brasil que é exclusiva da temática surdez.

Imagem 01 – Capa da Revista GPES – Estudos Surdos

Fonte: Autoria, 2022.

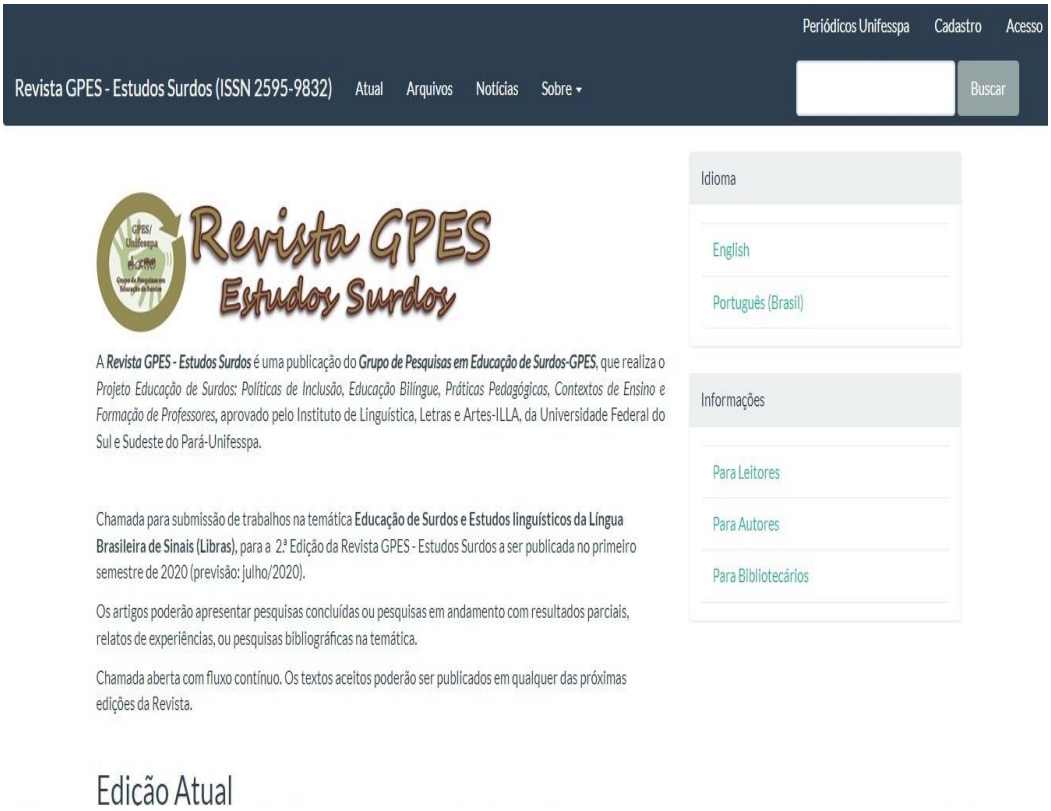

Imagem 02 – Apresentação do Portal da Revista GPES – Estudos Surdos

Fonte: Autoria, 2022

O sumário da edição da Revista GPES – Estudos Surdos apresenta 9 textos completos e 3 textos no formato de resumo expandido. Realizamos a leitura de todos os 12 textos e verificamos afinidades nas temáticas apresentadas. Assim, optamos pela categorização em dois eixos: *Educação de Surdos e Formação de Professores* e *Educação de Surdos na Perspectiva da Educação Inclusiva*. No próximo capítulo apresentamos as análises e discussões a partir dos eixos destacados.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

Trazemos para o debate as várias posturas e colocações dos autores dos artigos publicados em 2018 na Revista GPES da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, a respeito das temáticas que mais são abordadas com relação à surdez. Suas críticas e concepções vêm ao encontro da necessidade de uma maior inclusão do estudante surdo na atualidade.

Eixo 1: Educação de Surdos e Formação de Professores

Essa é uma matéria que suscita questionamentos, tendo em vista duas temáticas que deveriam caminhar juntas, pois para que haja a adequada educação de surdos é preciso acontecer também uma boa formação de professores. Entretanto, existe ainda, segundo Santos e Pereira (2019) o "despreparo e a falta de profissionais capacitados ao ensino bilíngue para surdos" (p. 140).

Segundo Pereira e Borges (2018) em seu texto, comentam que profissionais da educação ou até mesmo familiares dos surdos utilizam-se de discursos que por sua vez delimitam como também fragmentam o desenvolvimento e a inserção do surdo em sociedade. Em contrapartida é necessário que não apenas o surdo precisa aprender a Libras, mas também os ouvintes devem se dedicar a esse aprendizado, como forma de evidenciar o bilinguismo na sociedade.

Parte-se do trabalho de Silva et al. (2018) que começa por:

> [...] Educação Bilíngue, Práticas Pedagógicas, Contextos de Ensino e Formação de Professores[...] e identificar como a educação para surdos está se organizando nos municípios paraenses, sobretudo na região sul e sudeste do estado, identificando se a proposta de educação bilíngue prevista na legislação e as formas de organização dessa educação estão sendo efetivadas (SILVA et al, 2018, p. 01).

Os autores comentam sobre alguns aspectos inerentes à surdez, o primeiro é a respeito do bilinguismo, para eles o "desafio tem sido formar sujeitos bilíngues". Nesse sentido, a formação é posta como uma das principais causas para se chegar ao bilinguismo na escola. Comentam a respeito de como vem sendo colocado essa temática por alguns municípios das regiões sul e sudeste do estado do Pará. Visto que, já existem uma legislação nacional que fundamenta esse assunto. É notório que, é dada uma relevância para a formação docente, assim podemos notar o que vem sendo ainda discutido, é que para tais pesquisadores [...] a "organização dessa educação que exige não apenas reserva de espaços de apoio específicos, mas

também requer uma formação específica para os profissionais envolvidos na educação desses sujeitos" (SILVA, et al., 2018, p. 3).

Isso para Kubaski e Moraes (2009) favorece a educação bilíngue, a qual oferece uma contribuição significativamente relevante para o desenvolvimento da criança surda, e que por esse lado reconhece a língua de sinais como primeira língua e faz a mediação da segunda: a Língua Portuguesa. Logo, o bilinguismo beneficia o desenvolvimento cognitivo e a ampliação do vocabulário da criança surda.

Assim, para uma relevante inclusão importa a prévia análise do devido profissional que vai ensinar, e nesse sentido o texto de Silva, et al (2018, p. 9) faz a seguinte abordagem: "o que se constata é que esses profissionais são oriundos de instituições religiosas e se tornaram intérpretes no contexto educacional pela carência de profissionais na área, e só após estarem atuando, é que alguns estão buscando formação acadêmica".

Observa-se nesse primeiro momento que os autores abordam a respeito da necessidade de profissionais na área de Libras, o que acaba por legitimar a presença de professores sem a devida qualificação nessa área. Ademais, só após estarem em sala de aula é que se busca uma qualificação. Isso acaba gerando uma pseudo habilidade no profissional e por outro lado trazendo prejuízos à aprendizagem do estudante.

Em outro trabalho disponível no site da revista os autores Santos e Silva, (2018, p. 1) dizem que "[...] não pode haver letramento da pessoa com surdez sem o uso e ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras)". Aqui é posto em ênfase a Libras como língua para o desenvolvimento do estudante na escola, e como não dizer na sociedade, visto que é nela que ele está inserido. A Libras por este lado entra como língua oficial do surdo, pois é por meio dela que este se desenvolve e interage no dia a dia. Pois a língua serve, para além da interação comunicacional, contribui ainda para o desenvolvimento geral do indivíduo.

Consoante a Costa, et al (2018) no panorama educacional brasileiro hoje temos a Libras como a primeira língua oficial do surdo e Língua Portuguesa sendo da maioria ouvinte. O que precisa é que a Libras seja efetivada com mais precisão na sociedade.

Ainda no trabalho de Santos e Silva (2018, p. 1) é colocado em destaque uma entrevista feita com uma professora que fez parte da pesquisa, descrita no artigo, a

qual não tem fluência em Libras, o que dificulta sua metodologia e ensino com os alunos surdos. Em entrevista a professora fala que:

> a escola não está preparada para atender adequadamente os alunos surdos', e que 'percebe que precisa se qualificar para atender as expectativas dos alunos', e tem consciência que 'é necessária a presença do intérprete de Libras' durante suas aulas, pois considera 'de suma importância a inclusão dos alunos surdos na sala de aula comum (SANTOS; SILVA, 2018, p. 01).

É notório a falta de uma maior qualificação de professores para atender uma demanda que está em evidência. Está à frente de uma sala de aula é considerado hoje um momento a enfrentar uma série de dilemas e problemas que se alavancam no decorrer do tempo. É uma conjuntura tão emblemática que ressoa mais próxima de uma sintonia de sobrevivência de alunos e professores do que de emancipação e conhecimentos para a vida.

O devido aporte ao professor ainda está distante de sua realidade de sala de aula, ou seja, os recursos os quais auxiliam o docente, como por exemplo, um intérprete de Libras em muitos casos não tem, como nessa escola onde se fez a pesquisa e foi observado que não tinha esse profissional. Assim, o professor do ensino regular não tem uma qualificação adequada para a função que desempenha, nesse caso a quem recorrer? Como equilibrar os conteúdos a serem dados em sala de aula?

No intuito de buscar respostas para a falta de profissionais de Libras nos deparamos com os trabalhos publicados na Revista GPES, em um dos resumos expandidos os autores comentam que não há "valorização da língua do surdo" (PEREIRA e BORGES, 2018, p. 2). Nesse sentido, se não é valorizada, consequentemente o interesse de ouvintes por essa área se torna reduzido. Outro ponto é que os conteúdos vistos em sala possam ser compreendidos pelo público surdo, isto acontece quando há um interprete e que suas ações sejam do ponto de vista da pedagogia da alteridade, isto é, que haja aceitação, respeito e valorização das diferenças.

A Revista GPES traz diversos apontamentos e contribuições em relação a metodologias, recursos didáticos, informações, experiências, entre outros, que são fundamentais para o trabalho de professores, principalmente quando se trata de Libras. A revista se caracteriza como um despertar de professores, de escolas e também do poder público, como o principal mantenedor de recursos humanos, técnicos, estruturais, etc., de forma a resguardar e impulsionar a educação de surdos.

As críticas que são trazidas pela revista através dos trabalhos podem fomentar os professores para que possam buscar por mais qualificação para que consigam desempenhar seu papel com mais qualidade.

A contribuição da revista para a educação de Marabá, e principalmente para a educação de surdos, se evidencia por ser uma obra dessa cidade e com pioneirismo no próprio estado do Pará. Isso já é um forte destaque para apoiar tanto os professores quanto as comunidades surdas que fazem uso da Libras constantemente. A revista traz contribuição para o ensino de Libras quando mostra caminhos, dar sinais, faz comparações apresentando como alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos, faz exemplificações, comenta a respeito do interprete e sua postura diante da escola e da sala de aula, e a sua relevância para o público surdo.

É possível perceber as contribuições da Revista GPES para formações continuadas dos professores tanto da educação básica quanto da educação superior. Pois os trabalhos desenvolvidos, por estudantes e professores, disponibilizados no portal da revista são ricos de informações pertinentes à área da surdez, com foco na promoção de uma educação bilingue. Visto que aponta de como dever se dá a formação de professores baseada em regulamento de inclusão, e formação especifica dos profissionais para que possam atuar utilizando-se do bilinguismo.

Um desafio maior é ensinar outra língua, por exemplo o inglês, quando não existe uma relação proximal da língua de sinais entre professor e estudante. Nesse sentido, acaba se reduzindo a uma comunicação com pouca eficiência e muitas vezes demorada e fora de contexto. De acordo com Lacerda, Santos e Caetano (2013 *apud* SANTOS e SILVA, 2018, p. 11),

> quando falam de estratégias de ensino para surdos, o ensino dessa terceira língua para os surdos deve lançar mão de diversas estratégias das quais pelo menos três podemos destacar aqui: ensino contextualizado, uso da primeira língua do surdo como apoio, uso de recursos imagéticos.

Ainda segundo a pesquisa levantada por essas autoras, essa problemática se estende a toda a cidade, visto que a escola tomada para a investigação é de referência no município. Assim, conforme as pesquisadoras na “cidade de Marabá, ainda não há escolas que possam ser consideradas espaços organizados linguisticamente para promover a educação bilíngue para surdos”. Isso mostra o grande enfrentamento que os professores do ensino comum sustentam para não perder de vista esses educandos.

Segundo Silva et al (2018) dentre as formas de educação bilíngue a que mais se destaca como a mais eficiente seria:

> com alunos surdos em salas somente com surdos, nas séries iniciais de escolarização, onde a Libras é a língua de instrução. Neste caso o professor tem que ser bilíngue, pois não há a mediação de terceiros. E somente no segundo segmento do ensino fundamental é que o aluno surdo é colocado em salas com ouvintes onde a instrução é em Língua Portuguesa, mas com a mediação do intérprete de Libras-LP (SILVA et al, 2018, p. 4-5).

Comentam ainda que de acordo com a pesquisa realizada em algumas escolas depara-se com alguns profissionais que têm apenas curso de nível básico de Libras. Outras não têm tradutores-intérpretes de Libras-Português. Por esse lado, infelizmente, o Brasil muitas vezes não garante o devido tratamento equitativo, não valorando a dignidade da pessoa humana conforme expresso na Constituição Federal de 1988. Isso se evidencia quando não se contrata um número maior de profissionais, não se investe satisfatoriamente nesses profissionais, não se valoriza esse campo de atuação, etc.

Ainda com respeito a questão da língua inglesa, sabe-se que as pessoas ouvintes utilizam-se da língua portuguesa, no Brasil, para desempenhar as diversas funções de suas vidas. Semelhantemente, as pessoas surdas utilizam a Libras, como intermediária, para as diferentes atribuições de suas vivências. Nesse sentido, é de extrema importância que os aprendizes de uma terceira, como a língua inglesa, é imprescindível, no caso dos surdos, que tenham domínio suficiente da língua de sinais, pois é através dela que passam a aprender um novo idioma.

Todavia, um grande público ainda não é fluente em Libras, uns são alunos, outros professores, e até mesmo os surdos, desconhecem a sua principal língua, aquela considerada oficial para a comunidade surda. Muito dessa problemática está relacionada à uma questão de política pública que se encontra ainda muito defasada, seja pela pouca valorização dos profissionais desta área, seja pelo não devido apoio a ser dado aos professores que se enveredam por esse lado. Que se sensibilizam por pessoas que só precisam de uma oportunidade para se desenvolverem. Está além de uma questão pragmática, mas que está imbuído de um outro olhar.

Sabe-se que o inglês é uma língua de grande relevância no mundo atual, tendo em vista ser necessário aos estudantes, os quais já iniciam a aprendizagem desse idioma ainda no ensino fundamental. Contudo, mediante o exposto, notamos que Libras e inglês caminham a passos largos, pois o desconhecimento de Libras

ainda é muito grande. Diante disso são necessárias ações que reflitam nas adequações pedagógicas, da escola, do currículo e do próprio professor. Levando em conta a significância para o surdo, em primeiro lugar a Libras e a partir dessa língua, desenvolver, por exemplo habilidades em língua inglesa.

Eixo 2: Educação de Surdos na perspectiva da Educação Inclusiva

Falar em educação inclusiva é um grande desafio e está entre uma das temáticas mais debatidas na atualidade, tendo em vista o desconhecimento de muitas pessoas sobre o assunto. Por isso comentar e trazer para a discussão a educação de surdos na vertente da inclusão, é fator considerável é de grande necessidade principalmente para as comunidades surdas.

Em concordância com (NETO *et al.*, 2018, p. 86) entende-se que a "Educação Inclusiva é a transformação para uma sociedade inclusiva, um processo em que se amplia a participação de todos os alunos nos estabelecimentos de ensino regular". Do ponto de vista desse autor uma educação inclusiva precisa resgatar a participação dos surdos que ainda está oculta, seja diante da legislação pertinente, seja diante das escolas e da sociedade. É necessário ampliar os meios de acesso dos surdos à escolarização adequada a qual vai procurar desenvolver as aprendizagens dessas pessoas.

Nessa vertente, é necessário observar como vem sendo dispostas as propostas de uma educação bilingue, para não cair em mesmice e em algo que não seja, o suficiente, proveitoso para o desenvolvimento das aprendizagens do surdo, conforme é enfatizada no trabalho de Costa et al (2018) de que,

> o tema bilinguismo precisa ser melhor esclarecido, tanto na esfera da sala de aula, para as próprias professoras quanto na organização institucional, pois o que pode estar havendo é um "pseudobilinguismo", ou seja, observa-se que tem a Libras de forma insuficiente para o surdo (COSTA et al, 2018, p. 09).

Essa insuficiência em Libras deve ser superada, pois nota-se que o bilinguismo ainda caminha a passos lentos para a sua devida implementação; é um descompasso tanto do lado dos próprios professores quanto das próprias instituições.

No caso da educação de surdos levando em consideração os trabalhos publicados na Revista GPES, notamos a sua relevância principalmente como fonte de informações à comunidade surda que tanto necessita de apoio, ora por meio

provocações de pesquisadores, professores e estudantes, ora pelo próprio público surdo.

Nesse aspecto, buscando evidenciar a temática da educação de surdos pelo olhar da inclusão, apresentamos que também é possível debater questões a respeito do que se chama incluir de fato, e nesse caminho trazemos, sem que seja algo novo a questão do Atendimento Educacional Especializado – AEE – como um dos recursos que deveria ser tomado com a devida atenção diante do público surdo.

Nesse sentido, para Silva e Costa (2018, p. 1) “a articulação do AEE com o ensino comum não vem sendo efetivada como deveria, pois, o atendimento vem se dando apenas como ‘reforço escolar [...]”. Em 2008 com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a qual se enfatizou o ensino para o surdo nas escolas comuns deveria acontecer numa abordagem bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) e no contra turno o AEE.

Ainda com relação a essa temática os autores Silva e Costa (2018, p. 12) dizem que “[...] uma educação de qualidade para o aluno surdo, surge um trabalho crítico, para ser transformador e para possibilitar essa transformação propõe-se uma formação continuada ao professor do AEE para compreensão do processo de ensino dos alunos com surdez”.

Até então, para Silva e Costa (2018, p. 13) “[...] entendemos que este trabalho com alunos surdos requer muito preparo por parte dos docentes e dos profissionais que atuam nas salas de recursos multifuncionais”.

Os autores Silva e Costa (2018, p. 1) trazem um trabalho com objetivo de “apresentar reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa e Matemática para surdos entrelaçados ao Atendimento Educacional Especializado (AEE)”. Colocando em ênfase a língua portuguesa como segunda língua. Além disso, os autores ainda propõem [...] investigar quais as principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE dos anos finais do ensino fundamental relacionadas aos surdos.

Silva e Costa (2018) comentam que:

> Compreendemos também que nos espaços sociais há números e letras, assim, é necessário dialogar com a disciplina de Língua Portuguesa e a disciplina de Matemática. Sabendo da complexidade que envolve a interdisciplinaridade dessas disciplinas, vemos o desafio de propor uma reflexão ao atendimento especializado para o surdo, de modo, que atenda uma perspectiva bilíngue na educação de surdos (SILVA; COSTA, 2018, p. 10).

É notório que, as pessoas surdas assim como os ouvintes estão em diversos espaços na sociedade. Em razão disso, deve-se colocar em cena a interdisciplinaridade entre os espaços AEE, a Matemática e a Língua Portuguesa, essa posta como segunda língua. Os autores trazem em cena a reflexão acerca das práticas educacionais em vigor, a fim de assimilar os principais problemas da prática de ensino dos professores. Sendo que é dada uma importância para a escola regular, de como os professores iriam trabalhar numa vertente inclusiva.

Conforme Costa et al (2018) é necessário o serviço desempenhado pelo Atendimento Educacional Especializado – AEE – pois "enquanto forma de garantir a universalização do saber aos alunos do campo que apresentem deficiências" (p. 04). Conforme evidencia os autores esse atendimento não ocorre nessa escola, e isso retarda a aprendizagem de alunos surdos que adentrarem esse âmbito de ensino.

Além disso, buscamos mostrar o trabalho de Silva e Costa (2018, p. 2) que vem tratar do "Atendimento Educacional Especializado – AEE com o ensino comum de duas alunas público alvo da educação especial em uma escola pública de ensino médio localizada no município de Marabá-PA". Diante da temática os autores ainda analisam como a oferta a alunos com deficiência no ensino comum e contrastando o apoio pedagógico que é ofertado por esse atendimento vem sendo desenvolvido. Nesse sentido, busca analisar como funciona na prática esse suporte aos que precisam e aqui especificamente à pessoa surda.

O trabalho das autoras acima foi classificado por categorias:

> 1) Articulação do AEE com o ensino comum 2) Qualidade do ensino dos alunos com deficiência 3) Interação dos professores do ensino comum com a aluna com surdez 4) Atendimento na sala de recursos multifuncional 5) Participação da aluna nas atividades escolares.

Tais categorias conforme as autoras referenciadas logo acima foram analisadas separadamente, a primeira a respeito da interação do professor do AEE com o do ensino comum; a segunda trata da falta de acessibilidade de várias formas, como estrutural, qualidade do ensino, recursos financeiros, profissionais habilitados, etc.; a terceira versa sobre a ineficiência interativa do professor da sala comum com alunos da educação inclusiva, dentre outros fatores que mostram o reflexo que ainda a escola precisa mudar sua pedagogia; a quarta analisa a Sala de Recursos Multifuncionais – SRM, e nota-se que acontece reforço escolar e o que subsegue o ensino comum, retirando de tal forma o seu devido foco; a quinta mostra que a prática

pedagógica dos professores não atendia satisfatoriamente as especificidades dos alunos.

Outra pesquisa realizada por Silva e Costa (2018, p. 1), com intuito de mostrar as “principais dificuldades da prática de ensino dos professores do AEE dos anos finais do ensino fundamental relacionadas ao surdo”. Os autores começam traçando um contexto histórico de como se desenvolveu a língua de sinais no mundo, perpassando pelas determinações mundial de como seria a forma de ensinar o surdo. Ainda de acordo com esses autores, normalmente, os discentes surdos são meros copistas no espaço escolar e dependentes dos Tradutores-Intérpretes de Libras em situações matemáticas.

Buscamos verificar outro trabalho que traz diversos questionamentos que estão atrelados à educação de surdos. Examinamos o artigo de Costa et al (2018, p. 1) que busca dentre os demais objetivos “analisar de que forma o trabalho interdisciplinar é desenvolvido pela escola no intuito de incluir o educando surdo [...]”. A atividade interdisciplinar é posta para a melhor inclusão do aluno surdo. Visto que, o estudante vai dialogando com vários campos do conhecimento, de forma que vai aos poucos ganhando experiências para uma favorável integração. Os autores trazem um pensamento do que se trata a interdisciplinaridade.

> Desse modo, tem-se na interdisciplinaridade a alternativa de superação da fragmentação do conhecimento, pois esta visa redimensionar o ensino através da “inter” relação dos conhecimentos escolares, formando sujeitos que exercem criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo, aptos para buscar meios para mudar a realidade na qual estão inseridos (COSTA *et al.*, 2018, p. 2).

Por esse lado, essa temática tende a fazer uma convergência dos diversos campos dos conhecimentos, para que o aluno possa ter um olhar mais abrangente e pensamento crítico sobre sua realidade. Entretanto, foi visto pelos pesquisadores que a escola não dispunha de professor bilíngue e o descaso por parte da Secretaria de Educação daquele município com relação ao atendimento especializado.

Por outro lado, mesmo com os desfalques, a pesquisa feita na escola mostrou que os professores já vêm efetuando essa temática da interdisciplinaridade e que de acordo com os autores acima mencionados já se faz conhecida “nas práticas pedagógicas dos docentes, pois estes buscam estabelecer o diálogo entre os conhecimentos contidos nas disciplinas, facilitando as relações entre os alunos”. Nesse sentido, ainda é desafiador colocar em prática os conhecimentos por

intermédio dos docentes para o aluno surdo. Uma vez que, a falta de profissionais de adequada habilidade ainda é bem grande, o que favorece a inviabilidade de um ensino de qualidade para esse público em questão.

Nessa vertente, observa-se que o professor acaba tendo que carregar um fardo pesado de responsabilidades no tocante às suas atribuições. Isso se agrava mais quando ele é cobrado e não lhe é dado o devido suporte para o bom desempenho de suas funções.

Para as autoras Oliveira e Lopes (2018, p. 3) que fizeram uma pesquisa a qual trata de formas metodológicas para o ensino e aprendizagem, destacam: “a pesquisa apresenta como objetivo geral analisar o uso da produção de vídeos como atividade avaliativa nas disciplinas Libras e Fundamentos da Educação Inclusiva na UFPA Cametá e Castanhal”. Os vídeos são de extrema importância na aprendizagem, posto que, podem ser revistos várias vezes, além de que para sua confecção muito se aprende.

Ainda para essas autoras a proposta do artigo proporcionou a elas enquanto docentes uma ponderação a respeito das metodologias consideradas diferenciadas para o ensino de graduandos da Universidade Federal do Pará. Não apenas pelo emprego de vídeos relacionados às disciplinas, mas precipuamente na confecção de materiais pedagógicos pensados para a área da Educação Especial, a fim de beneficiar dessa maneira a autonomia do sujeito no processo de ensino-aprendizagem. Tal como o uso dessas formas diversificadas como vídeos e imagens, dentre outros, são os que mais contribuem para o aprendizado dos estudantes. Em suas considerações, Oliveira e Lopes (2018), dizem que,

> a construção do relato de experiência oportunizou uma reflexão ao fazer pedagógico atrelado às tecnologias educacionais, ilustrou a possibilidade da produção de vídeos feitos pelos graduandos nos campi do interior da Universidade Federal do Pará e impactou na formação inicial e continuada dos profissionais da educação nos municípios supracitados (OLIVEIRA; LOPES, 2018, p. 13).

As diversas tecnologias da informação ou informacionais favorecem formas diversificadas no ensino tanto para a formação inicial quanto para a continuada. Tal reflexão nos remete às palavras de Fleury (2006) apud Costa, et al (2018, p. 2), que destaca o professor como um dos responsáveis por tornar “necessário desenvolver novas estratégias de comunicação, múltiplas linguagens e técnicas didáticas”. Nessa vertente, o professor é o que vai procurar meios para que o estudante desenvolva as

devidas competências e o seu desenvolvimento integral no tempo adequado. Assim, Silva e Costa (2018, p. 1) comentam “que há carência de formação continuada para os professores da rede estadual atuarem com competência com os alunos com deficiência no ensino comum[...]”.

Os pesquisadores Costa, et al (2018, p. 3) buscam “apresentar reflexões sobre o uso de recursos didáticos no ensino de matemática para alunos surdos”. Com métodos atrelados aos recursos didáticos, como forma de beneficiar o desenvolvimento de aprendizagens. Comentam que recursos visuais, táteis, reflexões do professor, materiais manipuláveis, jogos, brincadeiras, aplicativos, etc. O que tem de ficar claro é o objetivo que se quer alcançar seja com qualquer um dos recursos utilizados.

Ademais, devemos nos atentarmos para a devida utilidade dos materiais didáticos ou recursos didáticos nas salas de aulas em que há aluno surdo, pois segundo Costa *et al.*, (2018) está além do ensinar.

> O uso de recursos didáticos no ensino de matemática para alunos surdos é uma temática que nos inquieta, haja vista que percebemos que nas salas de aula em que apresentam alunos surdos, devem ser feitas diversas estratégias que possam ensinar o surdo, bem como motivá-los a se sentir incluído em sala de aula (COSTA et al, 2018, p. 06).

Ainda conforme os autores acima citados

> seus usuários podem produzir todos os discursos que pretendem, pois, a Língua é dinâmica e permite essa infinidade de possibilidades. Porém, muitas vezes achamos que o uso da Libras é suficiente na aprendizagem dos surdos. E não é assim, faz-se necessário diversos usos de materiais e estratégias para que ocorra a aprendizagem dos alunos surdos (COSTA, *et al.*, 2018, p.2-3).
> .

Estes autores ressaltam ainda “que os recursos didáticos são uma alternativa metodológica muito útil ao professor” (COSTA, et al, 2018, p. 5). Dessa forma, nota-se que é um caminho a ser tomado pelo docente, tendo em vista, ser uma maneira para facilitar o desenvolvimento do aprendizado.

Outra questão interessante, que de acordo com Carvalho (2018) apud Costa et al, (2018, p. 7):

> as crianças tem mais facilidade de aprender a Libras que os adolescentes. É importante que a Libras e as práticas pedagógicas sejam inseridas desde as séries iniciais e façam parte do cotidiano do educador e dos alunos para que haja comunicação a todo momento com os conteúdos básicos.

Assim, é importante que os estudantes tenham acesso à Libras o quanto antes, para que possam ter propriedade de aprendizado, ou seja, desenvolvam maiores habilidades de aprendizagem. Isso é feito por intermédio das escolas inclusivas. Com o uso de metodologias voltadas para a facilitação da aprendizagem, emprega-se muito os recursos midiáticos. Autores ainda comentam que

> Constatamos ainda que o uso de recursos didáticos pode vim a favorecer o ensino dos surdos. A partir das experiências visuais dos alunos surdos, entendemos que os recursos didáticos trazem uma contribuição indispensável para o ensino de matemática aos surdos" (COSTA, *et al.*, 2018, p. 9)

Aqui, esses autores comentam as questões que envolvem os recursos didáticos, principalmente para a área da matemática. Disciplina vista por muitos como de difícil aprendizado por possuir muitos códigos e símbolos. Os autores esclarecem que "sendo a Libras uma língua natural, seus usuários podem produzir todos os discursos que pretendem, pois, a Língua é dinâmica e permite essa infinidade de possibilidades". É nessa vertente que a aprendizagem de Libras está além dos conteúdos discutidos em sala de aula.

Outro ponto a se pensar é como estão sendo estruturados os currículos das disciplinas, principalmente nos conteúdos de Libras. Como estará no tempo póstero os profissionais que lidam diretamente com o com a população surda na escola e na sociedade.

Segundo Souza (2007, p. 36) "um dos assuntos que vem tomando centralidade se refere ao modo como o currículo do futuro professor (licenciaturas em geral e pedagogia) deve ser modificado para que o Estado possa garantir escolas bilíngues para surdos". Compreendemos na leitura do texto de Souza (2007) de que é fundamental que as políticas públicas avancem visando que os currículos sejam sempre pensados e repensados às realidades dos surdos, possibilitando assim uma formação bilingue aos estudantes e na formação de professores cada vez mais um aprimoramento do uso da Libras no cenário inclusivo.

Com as determinações do decreto 5626/05 que deixa expresso no artigo 3º

> A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Mesmo assim, conforme Souza (2007) propiciar um contexto bilíngue ao surdo, não se reduz, tampouco, à disponibilização das duas línguas [...]. Mas, permitir uma relação do sujeito com o(a) professor(a), com colegas e com o próprio conhecimento se faz a partir do desejo de se fazer singular[...], Bordoli (2005) apud Souza (2007, p. 46).

Em conformidade com Souza (2007, p. 55) “ainda estão pendentes mudanças sociais importantes para que a pessoa surda tenha inserção trabalhista não discriminatória ou tenha acesso a universidade na mesma proporção que a população ouvinte”. Isso implica em muitas quebras de paradoxos que permeiam ainda a sociedade.

Para educar os estudantes surdos de forma mais eficiente é necessário ir além das estratégias educativas facilitadoras da aprendizagem, e a simplificação para a chegada da informação e a experiência; o desafio é disponibilizar itens suficientes, mas não conhecimentos que já estão erigidos (SOUZA, 2007, p. 72). Sendo assim, essa facilitação é realizada por intermédio de recursos e interações.

Por último, analisamos o trabalho de Oliveira e Oliveira (2018, p. 1), o “objetivo é identificar as veredas teóricas sobre a atuação do intérprete educacional em termos de ser uma função técnica ou pedagógica”. O trabalho desses pesquisadores discorre também sobre as “Representações Sociais de educandos surdos sobre a atuação do Intérprete Educacional no Ensino Superior”. Vem tratar também da questão do Intérprete Educacional (IE). E como se configura suas posições na sociedade atual.

Os autores trazem a questão da interpretação pedagógica e a interpretação técnica. A primeira versa que o IE é alguém classificado como um recurso humano de acessibilidade, com a dimensão de ensinar. Por esse lado o intérprete terá o comprometimento ético com o estudante surdo além de importar-se de verdade com a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo do aluno. A segunda está voltada para uma relação de não consideração do outro. Uma relação eu-isso como foi classificada pelos autores. É um modelo mecânico, que assume uma condição neutra e imparcial.

Assim devemos observar o que diz Oliveira e Oliveira (2018,) ao intérprete que:

> é por meio das mediações feitas pelo IE entre o educando surdo e o professor que o mesmo vai se afirmando no espaço universitário como ser Surdo, usuário de uma língua de sinais e tendo uma identidade surda. Desse modo, a função do intérprete vai além de interpretar, pois ele é responsável pela

> interação do surdo ao meio ouvinte universitário (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2018, p. 6).

Deve-se observar para uma estreita relação entre o intérprete, o aluno surdo e o professor. Nesse sentido o IE se configura numa posição de intermediário, com um papel de extrema relevância para o estudante surdo. Posto que, vai surgir uma interação mútua entre esses sujeitos. Mas muito além dessa interação é um espaço de ressignificação de momentos, de aprendizados, como também de identidade no sentido de que aquele sujeito se identifica com os demais presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como foco nesse trabalho as pesquisas de diversos autores a partir dos artigos publicados na Revista GPES – Estudos Surdos. Os quais trazem debates a respeito de avanços e evoluções para que seja possível a implantação do ensino bilíngue nos sistemas de ensino. Mostra que, apesar de todas as evoluções, ainda existem muitas dificuldades para a completa inclusão. Outro ponto que podemos verificar é que as instituições de ensino não estão preparadas para o ensino bilíngue, devido à falta de profissionais, recursos materiais, dentre outros fatores.

Além disso, tem a questão estrutural das escolas, currículos, e também das salas de recursos multifuncionais que acabam se tornando apenas auxílio do professor da classe regular, e que muitas das vezes se configuram dessa forma pela falta de conhecimento ou mesmo planejamento e tempo. A necessidade que a escola tem de se adequar é urgente, porém, os entraves se acentuam fortemente inviabilizando um adequado atendimento ao estudante.

Há autores que também trazem a questão da interdisciplinaridade, como uma ferramenta para o diálogo entre as diversas disciplinas que estão postas na grade curricular. Ademais, existe também a questão de uma terceira língua, que no caso foi a língua inglesa a ser aprendida pelo surdo. E mais uma vez a carência de profissional habilitado em Libras fica em cena.

Outro tema relevante em que parte já foi citado acima trata-se de uma composição entre o AEE, matemática e a língua portuguesa. De antemão nota-se que é um trabalho interdisciplinar, que liga as interpretações de textos matemáticos a Libras. Por esse lado, outros trabalhos contam a respeito dos recursos didáticos já dantes citados como forma de favorecer os aprendizados dos estudantes.

Outra parte tratada aqui, portanto, é com relação aos intérpretes, os quais são parceiros de extrema importância no processo educacional, pois este profissional numa vertente pedagógica é o intermédio entre professor e o aluno e deve ser visto sempre dentro de uma ação humanizadora, na qual se preocupa pelo aprendizado do indivíduo.

Além disso, nota-se que, diante de toda e constante transformação social, o papel do professor além de ser desafiador, tem grande relevância, principalmente quando envolve o cenário da surdez. Isso se evidencia pela necessidade de sua presença em sala de aula e pelas atitudes como ser humano e que se configuram

dentro de uma base antropológica. E nesse sentido, há de se considerar as relações familiares, levando em conta a cultura surda construída, os espaços escolares que possam promover a inclusão que tanto se busca. Mediante diferentes intencionalidades e comportamentos, que por vezes advém da subjetividade ou do meio social, partindo primeiramente de uma transformação do homem.

Perante ao que já foi mencionado, ainda é possível destacar a relevância da Revista GPES – Estudos Surdos, para as considerações desse trabalho, tendo em vista que é uma revista nova e que tem muito a crescer nesse campo da surdez. Além do mais, a revista traz diversas pesquisas no âmbito da surdez, com o enfoque de refletir sobre a importância de termos uma escola bilíngue, com profissionais capacitados para receber o público da área da surdez. Porque pelo que foi visto e analisado nos trabalhos, essa falta de professores habilitados é bem grande ainda, principalmente no município de Marabá-PA.

Notamos também que a revista traz contribuições que podem ser direcionadas à formação do futuro professor, nos campos didático e pedagógico. Quando faz reflexões e critica construtivas no tocante as habilidades de que o professor seja bilíngue; que a pedagogia utilizada em sala seja capaz de incluir e não de excluir o estudante surdo; que a metodologia didática seja de se modificar para englobar, que possa aproximar quem está distante.

Por esse lado, feita as observações dos trabalhos publicados, percebemos que todos eles, tem grande relevância para as discussões que foram realizadas aqui. Até mesmo os resumos expandidos, quando foram trabalhadas as oficinas pedagógicas, contribuíram para o desenvolvimento de aprendizagens de alunos e professores.

Buscamos, portanto, que sejam publicados outros volumes e edições da revista, contracenando as pesquisas passadas com as futuras. Que possam trazer informações de como se encontra na atualidade esse quadro que envolve tanto as instituições de ensino quanto professores a respeito do conhecimento sobre a Libras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M. L. C. Inserção ou Inclusão. **O Blog do Werneck**, 2016. Disponivel em: https://oblogdowerneck.blogspot.com/2016/04/insercao-ou-inclusao-secao-educacao.html. Acesso em: 04 mar. 2022.

BIZZO, N. M. V. **Ciências:** fácil ou difícil? São Paulo: Ática, 2009.

BOLLER, G.; PERBONI, L.; MACEDO, D. F. S. Deficiência auditiva e surdez. **uninter**, p. 20, 2022. Disponivel em: https://repositorio.uninter.com/handle/1/898. Trabalhos de conclusão de curso de graduação.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. Disponivel em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. **PNEE:** Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: MEC.SEMESP, 2020. 124 p. Disponivel em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias_1/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto n°. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n°. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei n°. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. **Lei n°. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiêcia (Estatuto da Pessoa com Deficiêcia). Brasília: Presidência de República, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 02 fev. 2022.

BRASIL. **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 02 fev. 2022.

CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a educação especial**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

COSTA, A. C. B. D. *et al.* Educação inclusiva e interdisciplinaridade: a escola do campo e a construção identitária dos educandos surdos. **Revista GPES -Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, p. 1-13, 16 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/358. Acesso em: 24 abr. 2022.

COSTA, W. C. L. D. *et al.* Recursos didáticos no ensino de matemática: uma proposta na educação de surdos. **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n.

1, 17 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/363. Acesso em: 12 fev. 2022.

COSTA, W. C. L. D.; MENEZES, G. J. B. D.; BARROSO, R. A. D. S. Bilinguismo: o que dizem alguns professores de surdos? **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, p. 1-12, 16 dezembro. 2018. ISSN ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/356/50. Acesso em: 22 jun. 2022.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto:** Curso básico: Livro do estudante. 8ª. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1ª. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez:** sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOFFREDO, V. L. F. S. D. A escola como espaço inclusivo. **In: _____ Educação especial:** tendências atuais. Brasília: MEC/SEED, 1999. p. 96. ISBN 1516-2079. Disponivel em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002692.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do ensino inclusivo. **In:** STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão:** um guia para educadores. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KUBASKI, C.; MORAES, V. P. **O bilinguísmo como prposta educacional para crianças surdas**, In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia, p. 3414 - 3419, 26 a 29outubro. 2009. Disponivel em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/biliguinguismo.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.

LACERDA, C. B. F. D. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedes**, Campinas, 19, n. 46, setembro 1998. 68 - 80. Disponivel em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt#. Acesso em: 29 maio 2022.

LACERDA, C. B. F. D. O intérprete de língua de sinais em sala de aula: experiência de atuação no ensino fundamental. **Contrapontos**, Itajaí, v. 5, n. 3, p. 353-367, set/dez. 2005. Disponivel em: https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/833. Acesso em: 17 jun. 2022.

MACHADO, P. C. Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. **In:** QUADROS, R. M. D. **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 324. ISBN 85-89002-18-7. Disponivel em: https://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil:** história e políticas. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MESERLIAN, K. T.; VITALIANO, C. R. **Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos**, In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia, p. 3736-3750, 26 a 29outubro. 2009. Disponivel em: https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Analise-sobre-a-trajetoria-historica-da-educacao-dos-surdos.pdf. Acesso em: 22 maio 2022.

MITTLER, P. **Educacao Inclusiva:** Contextos Sociais. Tradução de Windyz Brazão Ferreira. 1ª. ed. Poto Alegre: Artmed, 2003. 264 p.

NASCIMENTO, L. C. R. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **Número Temático: Educação de Surdos e Língua de Sinais**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 255–265, 2008. ISSN 1676-2592. Disponivel em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/807. Acesso em: 30 maio 2022.

NETO, A. D. O. S. *et al.* Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 81-92, jan./mar. 2018. Disponivel em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091. Acesso em: 22 jun. 2022.

OLIVEIRA, J. S. **A disciplina Libras e a formação em Pedagogia na Unifesspa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2021.

OLIVEIRA, W. M. M. D.; LOPES, R. D. C. Práticas pedagógicas no ensino superior: a produção de vídeos como ferramenta metodológica no ensino-aprendizagem de graduandos na UFPA. **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, 17dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/362. Acesso em: 20 junho 2022.

OLIVEIRA, W. M. M. D.; OLIVEIRA, I. A. D. Veredas na atuação do intéprete educacional: função técnica ou pedagógica? **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, 17 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/364. Acesso em: 20 jun. 2022.

PAGOTE, A. Denunciando opressões e sinalizando direitos: a experiência do teatro no trabalho do serviço social junto a adolescentes surdos. **Revista da Graduação**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. , 17 dezembo. 2014. ISSN 1983-1374. Disponivel em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/19327. Acesso em: 30 maio 2022.

PEREIRA, F. D. S.; BORGES, V. M. Oficina de Libras: introdução a língua brasileira de sinais. **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, p. 1-4, 17 dezembo. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/367/61. Acesso em: 22 jun. 2022.

PERLIN, GLADIS; STROBEL, KARIN. **Fundamentos da Educação de Surdos**, Florianópolis, p. 48, 2008. Disponivel em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/fundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.

RIBEIRO, V. L. **Educaçao bilíngue para surdos**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, p. 167f. 2020.

SÁ, N. R. L. D. **Cultura, poder e educação e surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, G. D. S. N. D.; SILVA, F. M. C. D. Letramento em língua estrageira: a Libras no ensino da língua inglesa como L3 para surdos. **Revista GPES -Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, 17 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/359/53. Acesso em: 24 abr. 2022.

SANTOS, S. M. D. C.; PEREIRA, D. Libras e sua importância na formação de professores na educação de surdos. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 2, p. 139-158, 13fev. 2020. ISSN 2675-1291. Disponivel em: https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/7998. Acesso em: 22 jun. 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. A. D.; COSTA, W. C. L. D. Matemática e língua portuguesa no AEE: alguns apontamentos. **Revista GPES -Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, 17 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/361/54. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, F. M. C. D. *et al.* Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos-GPES: panorama da educação no sul e sudeste paraense. **Revista GPES -Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, n. 1, 16 dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/355/49. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, J. S. D.; COSTA, V. E. S. Escolarização de pessoas com surdez: das propostas legais à prática cotidiana. **Revista GPES - Estudos Surdos**, Marabá, v. 1, 16dezembro. 2018. ISSN 2595-9832. Disponivel em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/revistagpes/article/view/357/51. Acesso em: 24 abr. 2022.

SKLIAR, C. (org.). Educação e exclusão: abordagens sócio – antropológicas em educação especial. **In:** CECCIM, R. B., et al. **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. 5ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SOUZA, R. M. D. **Educação de surdos**: pontos e contrapontos. 3ª. ed. São Paulo: Summus, 2007.

STRBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. L. **Surdos**: Vestígios Culturais não Registrados na História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 176f. Tese (Doutorado em Educação). 2008. (Disponívem em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91978/261339.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 maio 2022.).

VIEIRA, C. R. ; MOLINA, K. S. M. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. **Educação e Pesquisa [online]**. 2018, v. 44 [Acessado 4 Julho 2022] , e179339. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844179339>. Epub 03 Dez 2018. ISSN 1678-4634. https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844179339.